

COLUNA DO HERÓDOTO

Faraós embalsamados



Heródoto Barbeiro (*)

A manifestação foi marcada para a principal avenida da cidade, mesmo com a repressão do governo. Grupos políticos no poder tentaram também impedir.

Um dos manifestantes postou nas redes sociais que o país sofria de corrupção, opressão e educação de má qualidade, e péssimo atendimento na saúde. Vivemos em um sistema corrupto que não tem perspectiva de mudanças, dizia ao gritos em cima de um caminhão de som, outro manifestante. Eles foram unânimes em denunciar a corrupção do governo, sua incapacidade de prestar serviços públicos, cobrança abusiva de impostos e a falta de igualdade de oportunidades no país.

Boa parte dos presentes na avenida concordavam que a maioria dos problemas econômicos eram causados fundamentalmente por causa do esquema político que impedia a renovação, e perpetuava a elite no poder. Sustentavam que os maiores obstáculos enfrentados estavam no Estado ineficiente e corrupto e uma estrutura social em que não havia espaço para as pessoas usarem o seu talento. O sentimento geral era que era preciso mudar e para isso era necessário uma reforma política.

Mas, "tudo está no seu lugar, graças a Deus, graças a Deus", cantarolava um líder do governo.

A primeira modificação desejada pelos manifestantes era reformar o sistema político que estava nas mãos da elite desde os tempos imperiais. As mudanças ocorridas ao longo dos anos eram apenas de fachada, uma maquiagem para que o país tivesse sempre mais do mesmo. O sistema é totalmente dominado pelas elites que reservam para si os postos elegíveis através da compra de votos, instrumentação do Estado para seus correligionários, e a formulação de leis que os protegem da justiça e os privilegiam.

Além da corrupção, muita corrupção. Ao longo do tempo as elites institucionalizaram

seu poder legislando e aprovando dois sistemas jurídicos, na prática, duas leis: uma para os pobres e outra para os ricos, que navegam por ela com recursos jurídicos intermináveis e advogados de custo milionário. Manifestantes acusam o governo, monopolizado pelas elites, de ter se apropriado do Estado e adotarem no passado políticas e estratégias equivocadas que consolidaram a incapacidade do país prosperar. Era a tempestade perfeita do atraso.

Uma pequena elite se esbaldava em privilégios às custas do resto da nação, ou seja organizou ao longo do tempo a sociedade em função de seus próprios interesses em detrimento da massa da população. O poder político, estritamente concentrado, vem sendo usados para gerar riqueza para aqueles já detêm a maior parte da renda nacional, uma das mais concentradas do mundo. A origem da elite era a propriedade da terra que vinha dos tempos antigos com a produção voltada para o mercado externo e o produto da venda destinado aos grandes latifundiários.

Muito pouco sobrava para a população em geral. Com o advento da industrialização e do crescimento da economia, pouca coisa mudou uma vez que a população também aumentou. Mão de obra barata, falta de empreendedorismo, sindicatos monopolizados por outro ramo da elite, falta de mobilização em torno de um programa com um mínimo de sustentação popular. Pouco adiantou a derrubada da monarquia e a proclamação da república.

A despolitização constante prosperou e foi habilmente usada pela elite dominante. Assim, a queda do rei em 1952, apenas proporcionou a ascensão da elite egípcia ao poder, desinteressada na prosperidade das pessoas comuns, tanto quando no tempo dos otomanos e britânicos. Em consequência a estrutura básica da sociedade não mudou, e o Egito permaneceu pobre.

(*) - É âncora do Jornal da Record News, inspirado em "Por Que as Nações Fracassam", de Acemoglu e Robinson, ed. Campus.

Comportamento dos japoneses que encantou o mundo é rotina no Japão

O comportamento dos jogadores da seleção do Japão, que limpavam os vestiários da Rostov Arena, depois da derrota para a Bélgica nas oitavas de final da Copa do Mundo, voltou a surpreender o mundo, mas nada mais é do que uma prática natural no país, ensinada para todas as crianças

As cenas têm se tornado cada vez mais frequentes nas competições esportivas internacionais que têm a presença dos japoneses.

Há quatro anos, no Brasil, as imagens de torcedores recolhendo lixo nas arquibancadas, após cada jogo, viralizaram.

O caso mais recente, em que os integrantes do elenco se preocuparam em deixar limpo o vestiário, chamou a atenção da imprensa internacional, por se tratar de uma partida com contornos dramáticos, em que os Samurais Azuis perderam a chance de alcançar às quartas de final do Mundial. O Japão venceu a partida por 2 a 0, mas os belgas conseguiram empatar depois do intervalo e marcaram o gol da virada nos acréscimos do segundo tempo. Mesmo assim, após o jogo, a torcida pegou os sacos para lixo que tinha levado e limpou as arquibancadas, enquanto os jogadores deixaram o vestiário impecavelmente limpo, com uma mensagem de agradecimento em russo, uma cena que foi registrada pela Fifa, compartilhada nas redes



Para os japoneses, a limpeza dos espaços públicos é uma tradição e também uma obsessão, um dever que é ensinado às crianças.

sociais e acabou viralizando na internet.

Enquanto o mundo se rendia em elogios aos asiáticos, no país, o comportamento foi visto sem qualquer comoção, já que se trata de prática ensinada desde a infância. "Pode ser que seja motivo de orgulho, mas para nós é o normal. O anormal seria sair deixando lixo por lá, e passar essa imagem ruim em um país que não é o seu", diz Yumi Takada, uma japonesa de 61

anos que passou a madrugada acordada para assistir a partida. "É mais surpreendente a reação dos veículos de imprensa sobre o fato da torcida limpar as arquibancadas. Para nós, é uma questão de bom senso, algo que aprendemos em casa. De todas formas, é lindo que os japoneses sejam reconhecidos por algo assim", afirma a compatriota Masafumi, de 36 anos.

Para os japoneses, a limpeza dos espaços públicos é uma tra-

dição e também uma obsessão, um dever que é ensinado para as crianças desde os 6 anos de idade, quando são obrigadas a organizar as salas de aula e outros espaços, como instalações esportivas. No Japão, quando acontecem as festividades ao ar livre, como os populares "Hanami" - reuniões para ver as cerejeiras em flor -, os japoneses deixam os parques no mesmo estado em que encontraram, ou até mais limpos.

Além disso, no mundo do esporte japonês, o peso das regras, as hierarquias e a consideração pelo grupo são tão fortes que, em algumas ocasiões, prejudicam o rendimento dos atletas, dos quais são exigidos um comportamento exemplar, principalmente em modalidades tradicionais como o sumô. Apesar dos elogios recebidos mundialmente pelo comportamento na Rússia, nem todos os japoneses ficaram contentes com o rendimento da seleção na Copa. "Não podemos ficar mais satisfeitos em sermos bons perdedores", publicou o jornal japonês "Asahi" após a eliminação para a Bélgica (Agência EFE).

Amazon vende lagostas vivas online no Reino Unido

A transnacional de comércio eletrônico Amazon colocou em sua página no Reino Unido diversos anúncios de lagostas vivas, que também podem ser enviadas ao exterior. A oferta gerou reações na Europa, e a Entidade Nacional de Proteção dos Animais (Enpa), maior organização do tipo na Itália, afirmou que não se pode consentir que alguém "venda animais na plataforma".

"Os animais são colocados em caixas e mandados ao endereço de destino, onde chegam em alguns dias", declarou a Enpa. "Embalar uma lagosta viva, tirando-a do seu habitat e obrigando-a a viajar em uma caixa por centenas ou milhares de quilômetros, é uma forma evidente de maus tratos", lamentou.

A ONG pede que a Amazon seja sensível às causas dos animais e leia todas as críticas recebidas de seus próprios usuários. Caso os anúncios não saiam do ar, a Enpa disse estar pronta para começar uma "greve de compras", mesmo que coincida com o Amazon Prime Day, o maior evento de descontos da empresa, marcado para 16 de julho.

"O e-commerce não pode ser terra de ninguém, um mercado virtual onde a falta de referência territorial seja pretexto para que não sejam considerados nem os elementos mais básicos de respeito aos seres vivos não-humanos", concluiu a entidade italiana (ANSA).

OMS: baixa qualidade de serviços compromete avanços na saúde

A baixa qualidade dos serviços prestados está retendo avanços e melhorias na saúde em países de todos os tipos de renda, segundo relatório divulgado ontem (5) pela Organização Mundial da Saúde (OMS), pelo Banco Mundial e pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OECD, na sigla em inglês).

Diagnósticos imprecisos, erros médicos, tratamentos inapropriados ou desnecessários, uso inadequado e pouco seguro de instalações clínicas e profissionais sem treinamento adequado e com pouco conhecimento prevalecem em todos países, alertou a OMS, por meio de comunicado. A situação, segundo a entidade, é pior em países de baixa e média renda, onde 10% dos pacientes hospitalizados correm risco de adquirir algum tipo de infecção durante o período de internação, comparado a 7% em países de alta renda.

A OMS lembra que infecções hospitalares podem ser facilmente prevenidas por meio de melhorias na higiene, do controle de práticas hospitalares e do uso correto de antibióticos. O relatório destaca também que um em cada dez pacientes apresenta algum tipo de ferimento durante atendimento médico prestado em países de alta renda. "Doenças associadas a cuidados de saúde de baixa qualidade



A situação, segundo a entidade, é pior em países de baixa e média renda.

impõem despesas adicionais às famílias e aos sistemas de saúde", reforçou a OMS.

Ainda de acordo com o documento, profissionais de saúde de sete países africanos de baixa e média renda só conseguiram fazer diagnóstico adequado entre 33% e 75% dos casos, enquanto diretrizes clínicas para situações comuns e de pouca complexidade foram seguidas em menos de 45% do tempo, em média. Além disso, cerca de 15% dos gastos hospitalares em países de alta renda se devem a erros no atendimento ou a pacientes infectados enquanto recebem cuidados em unidades de saúde.

A OMS lembrou, entretanto, que foram registrados alguns avanços - por exemplo, nas taxas de sobrevivência ao câncer

e a doenças cardiovasculares. Mesmo assim, segundo a entidade, os custos econômicos e sociais provocados pelo atendimento de baixa qualidade, incluindo incapacidades de longo prazo, prejuízo e perda de produtividade, são estimados em trilhões de dólares todos os anos.

"Estamos comprometidos em garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam ter acesso a serviços de saúde quando e onde precisam", disse o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus. "Estamos igualmente comprometidos em garantir que esses serviços sejam de boa qualidade. Honestamente, não há como ter cobertura universal em saúde sem cuidados de qualidade", concluiu (ABR).

Mulheres são prefeitas em 11,9% das cidades brasileiras

Enquanto 4.908 homens administram cidades no Brasil, apenas 662 mulheres têm a mesma função - e a participação delas caiu em 2017. Os dados são do IBGE, que divulgou ontem (5) o Perfil dos Municípios Brasileiros. Em 2017, ano em que novos gestores municipais tomaram posse, 88,1% dos prefeitos do Brasil eram homens, e 11,9%, mulheres. O percentual da participação feminina era maior em 2013, quando atingiu 12,1%.

Entre as regiões brasileiras, o Nordeste tem a maior presença de prefeitas, que governam 16,3% de seus municípios. Em 2013, o percentual era de 16,5%. No Norte do Brasil, 14,7% das cidades eram administradas por prefeitas em 2017, um aumento em relação a 2013, quando havia 12,7%. Nesse dado, o estado de Roraima se destaca com 33,3% de mulheres prefeitas. Os menores percentuais estão no Sul (8%) e no Sudeste (8,8%). No Centro-Oeste, 13,3% dos municípios têm mulheres à frente de sua gestão.



O Nordeste tem a maior presença de prefeitas, que governam 16,3% de seus municípios.

O Espírito Santo é o estado do Brasil onde as mulheres estão menos presentes nas prefeituras, ocupando apenas 5,1% das vagas. No Rio Grande do Sul, as mulheres governavam 6,8% das cidades em 2017. A pesquisa mostra que, em relação a 2001, a presença feminina nas prefeituras praticamente dobrou. Naquele ano, o Brasil tinha 6% de prefeitas (ABR).

PF combate fraudes no Ministério do Trabalho

A Polícia Federal (PF) deflagrou ontem (5) a 3ª fase da 'Operação Registro Espúrio', como o objetivo de combater uma organização criminosas que atuava na concessão fraudulenta de registros sindicais no Ministério do Trabalho. Os federais cumpriram dez mandados de busca e apreensão e três de prisão temporária, em Brasília e no Rio de Janeiro.

Os mandados foram expedi-

dos expedidos pelo STF. "Foram impostas aos investigados medidas cautelares consistentes em proibição de frequentar o ministério e de manter contato com os demais investigados ou servidores da pasta, bem como a suspensão do exercício do cargo", diz a nota da PF.

A nota diz ainda que a ação decorreu de investigações e da coleta de material nas primeiras fases da 'Operação Registro

Espúrio', que indicam a participação de novos suspeitos e "apontam que importantes cargos da estrutura do Ministério do Trabalho foram preenchidos com pessoas comprometidas com os interesses do grupo criminoso, permitindo a manutenção das ações ilícitas praticadas na pasta".

O ministro do Trabalho Helton Yomura, prestou depoimento na superintendência do órgão,

em Brasília. Ele apresentou-se acompanhado por seu advogado e depois por cerca de 1h. Como as investigações correm em sigilo, a PF não confirmou detalhes da operação. Em nota, a corporação explicou apenas que a nova fase da operação Registro Espúrio tem o objetivo de combater uma organização criminosas que atuava na concessão fraudulenta de registros sindicais no Ministério do Trabalho (ABR).

Para veiculação de seus Balanços, Atas, Editais e Leilões neste jornal, consulte sua agência de confiança, ou ligue para TEL: 3043-4171 / 3106-4171 www.netjen.com.br

Empresas & Negócios | José Hamilton Mancuso (1936/2017) | Administração: Laurinda M. Lobato | Diretora Comercial: Lilian Mancuso (lilian@netjen.com.br)

Editorias
Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Lazer/Cultura: Laura Lobato De Baptisti (lauralobato11.ll@gmail.com); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterariaralph.com.br); TV: Tony Auaud (central-noticia@bol.com.br). Revisão: Sônia Souza.

Webmaster/IT: Ricardo Baboo; **Editoração Eletrônica:** Ricardo Souza e Walter Almeida. **Impressão:** LTJ Gráfica Ltda. **Serviço informativo:** Agências Estado, Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.
Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda
Administração, Publicidade e Redação: Rua Vergueiro, 2949 - 12º andar - cjs. 121 e 122 - Vila Mariana - Cep: 04101-300. Tel. 3043-4171 / 3106-4171 - E-mail: (netjen@netjen.com.br) - Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90 - JUCESP, Nire: 35218211731 (6/6/2003) - Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.

Colaboradores: Cicero Augusto, Eduardo Shinyashiki, Geraldo Nunes, Heródoto Barbeiro, J. B. Oliveira, Leslie Amendolara, Mario Enzo Belio Junior.

RIO DE JANEIRO: J.C. REPRESENTAÇÕES E PUBLICIDADES EIRELI
Av. Rio Branco, 173 / 602 e 603 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20040-007
Tel. (21) 2262-7469 - CNPJ 30.868.129/0001-87